



Preços dos alimentos em alta

De repente, a dona de casa vai ao supermercado, na venda da esquina ou na feira-livre e se surpreende com os preços dos alimentos. Lista à mão e é um corre-corre aos supermercados para ver onde os preços estão "mais camaradas". "Fica na bronca" com o produtor de leite, de carnes, de trigo, de tomate, de cenoura, de feijão e outros alimentos como se fossem eles os responsáveis pelos aumentos dos preços dos produtos alimentícios nas gôndolas ou nos balcões dos equipamentos varejistas. E, eles, os produtores, que lidam com produtos perecíveis, simplesmente buscam entender os mecanismos de oferta e demanda, já que são puros tomadores de preços no mercado, não tendo o poder de fixar ou definir preços. Muito menos, são os responsáveis pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) que dobrou em agosto, pressionado, mais uma vez, pelos alimentos. A taxa do IPCA ficou em 0,47% em agosto, ante 0,24% em julho, sendo que os produtos alimentícios cresceram 1,39%, a maior variação mensal desde março de 2003.

Este "choque de oferta" para os produtos alimentícios leva a uma corrosão no poder de compra dos trabalhadores, principalmente os de menor renda, visto que enquanto o IPCA mede a inflação que engloba famílias com renda de um a quaren-

ta salários mínimos (acumulado em 2,80% no ano), o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) capta a inflação para famílias com rendimento entre um a seis salários mínimos e já acumula alta de 3,13% de janeiro a agosto. Desta forma, no acumulado dos oito primeiros meses do ano, a inflação apurada para a população de baixa renda, em função da alta dos produtos alimentícios, vem superando a dos considerados mais abastados, fato que não ocorria desde 2003.

O leitor sabe que o IPCA é referência para a meta de inflação do governo, fixada em 4,5% para 2007, mas já acumulou de janeiro a agosto uma alta de 2,8% e, em 12 meses (Set/06 a Ag/07), 4,18%. O reajuste nos preços dos alimentos foi de 6,73% no ano até agosto, superior ao aumento total de 1,23% ocorrido em todo o ano de 2006.

Esta alta acendeu a luz amarela oficial e na esfera governamental já se admite que a inflação pode ameaçar o ritmo de queda dos juros cuja taxa básica de juros (Selic) está em 11,25% ao ano, mas elevou o juro real a 7,24%. Se os alimentos continuarem a pressionar os índices inflacionários e a demanda continuar aquecida e, ainda, se o cenário externo piorar (vide Estados Unidos) pode até acontecer de o Banco Central interromper a queda do juro na próxima reunião do Copom (Comitê de

Política Monetária do Banco Central) em outubro, e, possivelmente, a de novembro.

"Mas, pera aí", estes tais fundamentos macroeconômicos não interessam muito à dona de casa, que quer saber por que os preços dos alimentos estão subindo nas gôndolas e nos balcões, passando a ser o "vilão da inflação", quando em 2005 e 2006 foram a "ancora verde" e uns dos responsáveis pela manutenção de inflação compatível ao orçamento familiar e aos interesses do governo. Nem mesmo interessam aos produtores, que esperam sair do sufoco e do desestímulo que passaram nos dois últimos anos.

E, tanto a dona de casa como os produtores perguntam: por que os preços dos produtos alimentícios estão se elevando? Seria a "febre do etanol" com o deslocamento da produção de grãos para fins não alimentícios? Seria a demanda internacional aquecida? Seriam o clima, as secas e as enchentes? Seriam os preços pouco remuneradores que estariam desestimulando a produção e reduzindo a oferta? Afinal, quais as causas da elevação dos preços dos produtos alimentícios pesando no orçamento do consumidor? É assunto para o próximo artigo.

Evaristo Marzabal Neves,
prof. titular da Esalq/USP.
E-mail: emneves@esalq.usp.br